



© Editora Mundaréu, 2024 (esta edição e tradução)

© Matthes & Seitz Berlin Verlag, Berlin 2022

Todos os direitos desta edição reservados à

Matthes & Seitz Berlin Verlagsgesellschaft mbH

TÍTULO ORIGINAL *Surazo. Monika und Hans Ertl:*

*Eine deutsche Geschichte in Bolivien*

COORDENAÇÃO EDITORIAL Michel Sapir Landa

PROJETO GRÁFICO DA COLEÇÃO Bloco Gráfico

ASSISTENTE DE DESIGN Lívia Takemura

PREPARAÇÃO Fábio Fujita

REVISÃO DA TRADUÇÃO Mariana Quadrada

REVISÃO Vinicius Barbosa

IMAGEM DA CAPA Matthew Williams-Ellis Travel Photography/Alamy/Fotoarena

*Edição conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990)*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação [CIP]

Angelica Ilacqua CRB-8/7057

---

Harrasser, Karin

Surazo: Monika e Hans Ertl : uma história alemã na Bolívia/ Karin Harrasser; tradução de Daniel Martineschen, Luis Reyes Gil. São Paulo: Mundaréu, Manjuba, 2024. 288 pp. Bibliografia.

ISBN 978-65-87955-22-3

Título original: Surazo: Monika und Hans Ertl: Eine deutsche Geschichte in Bolivien

1. Bolívia – História 2. Ertl, Monika, 1937–1973 – Biografia

3. Bolívia – Alemanha – História 4. Nazistas – História

1. Título II. Martineschen, Daniel

24-1275

CDD 984.0520922

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Bolívia – História

2024

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MUNDARÉU LTDA.

São Paulo – SP



*A tradução desta obra contou com apoio concedido pelo Goethe-Institut.*

Karin Harrasser

# Surazo

**Monika e Hans Ertl: uma história alemã na Bolívia**

tradução de  
Daniel Martineschen

## APRESENTAÇÃO

- 9 Fast-forward  
13 Uma história sobre o vento

## CLOSES

- 17 Concepción, Chiquitanía, Bolívia (2018)  
20 De onde o vento sopra  
21 *Um Robinson*  
Direção: Arnold Fanck; câmera: Hans Ertl, 1940  
24 O “estrangeiro”  
30 Bodes, caranguejos-de-fogo, pólipos  
32 Imagem de família  
34 *La Dolorida*, em filme  
38 *Avanço a Paititi*  
Direção: Hans Ertl, 1956  
44 Um roubo de obras de arte em  
frente às câmeras e um recall  
46 Stimmersee (2019)  
52 La Estrella  
56 Heróis e heroínas  
58 *Hito-Hito*  
Documentário de Hans Ertl, 1958  
63 *De trem pela floresta* (2019)  
65 *Surazo*, material de filme perdido  
66 Superiluminação e lacunas  
68 Retratos de uma revolucionária

- 75 Uma biografia política  
80 Feltrinelli ou: O armamento  
83 Apartamento de Monika Ertl,  
Sopocachi, La Paz, julho de 1967  
88 Santa Ana de Chiquitos/San Miguel (2018)  
91 Falar alemão, ficar de mãos dadas  
92 Intermezzo imunosófico  
94 Glen  
95 *La Dolorida*, de mototáxi (2020)  
98 Santa Cruz, sob árvores (2020)  
101 A Bolívia saúda o mundo  
103 Embate com consequências de longo prazo

#### **FLASHBACKS**

- 106 Os Ertl e a “colônia alemã” na Bolívia  
109 Os missionários  
111 O marechal de Simón Bolívar:  
Otto Philipp Braun  
115 Mineiros  
119 *More military men*  
121 O secretário da missão diplomática  
122 Bolívia e o nacional-socialismo: um labirinto  
126 A experiência judaica no exílio  
131 Club Alemán/Club Republicano Alemán

#### **ZOOM-IN**

- 134 Nos Yungas

- 137 Klaus-Barbie/Don Klaus Altmann  
141 Sequestrando Klaus Barbie  
143 O vizinho, “meu general”  
147 A Arriflex  
152 O Alasca nos Yungas  
157 O ás da aviação  
158 *Kufstein connection*: as redes  
de Hans-Ulrich Rudel  
167 *Montanhas sagradas — Inferno verde*:  
Milli Bau e Hans Ertl  
170 As pessoas da mídia e a etnologia  
174 Paixão pelo frio  
184 De trapaceiro *cool* a eremita  
185 Inversão dos polos  
193 Do alpinismo ao andinismo político  
199 Os anos de Monika no Chile:  
a mina de El Teniente  
212 Revolução próxima e distante  
214 Ler, escrever, atirar

#### **GUINADAS**

- 224 Derretimento das geleiras no Chacaltaya  
230 No ônibus de San José a San Ignacio  
231 Promessas de salvação  
237 Importando o *apartheid*

- 240 Antes do pós-guerra  
243 O Comité de Amas de Casa

**IMAGENS FINAIS**

- 246 Fotografia *post-mortem*  
248 Um coro de Sewell  
251 Kufstein: até o portão do jardim  
253 Não uma árvore genealógica, um móbile  
254 Silhuetas  
256 O ar da altitude é vermelho

- 259 **AGRADECIMENTOS**

- 260 **AS PERSONAGENS MAIS IMPORTANTES**

- 264 **BIBLIOGRAFIA**



## APRESENTAÇÃO

### *Fast-forward*

Em 12 de maio de 1973, Monika Ertl foi assassinada na rua, em La Paz, em decorrência de uma troca de tiros com forças de segurança. Monika tinha então 35 anos e era integrante da guerrilha boliviana Ejército de Liberación Nacional (ELN). Apesar de nunca ter havido uma investigação, era quase certo que ela matara a tiros, em 1971, em Hamburgo, o funcionário consular boliviano Roberto Quintanilla Pereira. A urna com as cinzas do funcionário morto foi levada a La Paz. Seis anos antes, na Bolívia, enquanto comandante de polícia do Ministério do Interior boliviano ele havia sido responsável por dar a ordem para amputar as mãos de Ernesto Che Guevara após sua morte. Monika Ertl, a autora do atentado, deixara em Hamburgo um bilhete com o lema do ELN: “¡Victoria o muerte!”.

O pai de Monika Ertl, Hans Ertl, ainda viveria por 26 anos após a morte da filha. Morreu em 2000, em Chiquitania, na planície oriental boliviana. Trabalhou como cinegrafista para Leni Riefenstahl e foi o fotógrafo do front preferido do General-marechal de campo Rommel. O talentoso montanhista e aventureiro recolhera-se na década de 1960 para os recônditos da floresta tropical, para ali tocar uma *hacienda* de criação de gado. Mesmo em seu isolamento, participava da colônia alemã na Bolívia,

juntamente com alguns fiéis nazistas. O mais ilustre deles era um homem conhecido como “*don Klaus*”, famoso internacionalmente pelo seu verdadeiro nome, Klaus Barbie. Sua segunda carreira entre ditadura, paramilitarismo e tráfico de drogas estava em ascensão no início dos anos 1970. Até a década seguinte, ele trabalhou para ditadores e golpistas bolivianos como especialista na luta contra “insurgentes comunistas”. Como conselheiro do serviço secreto do ditador boliviano Hugo Banzer, Klaus Barbie — chamado na Bolívia de Altmann — esteve profundamente envolvido na execução de Monika Ertl em La Paz. Por sua vez, o filho do homem procurado por crimes de guerra nazistas, Klaus Georg, assumiu a guarda de honra no funeral de Roberto Quintanilla.

Um palco importante dos episódios apresentados a seguir é essa região isolada na qual se cruzam várias linhas transatlânticas: a província de Chiquitos no departamento de Santa Cruz, Bolívia. Apesar de ter sido um local de difícil acesso por muito tempo, no século xvii essa era uma das principais áreas de missões jesuíticas, em especial daquelas vindas da região do Danúbio. Mais tarde, no século xix, foram sobretudo franciscanos que fizeram o trabalho de catequização em Chiquitanía, além da vinda de etnólogos (novamente em sua maioria alemães) com o anseio de registrar a cultura e a vida dos grupos indígenas ameaçados — antes que desaparecessem.

No boom da borracha no século xix, responsável por desapropriações e opressão ao povo indígena, também participaram diversos atores de origem alemã. Até

hoje, não é raro que latifúndios se encontrem nas mãos de emigrantes alemães, como exemplo a família Banzer, da qual descende o ditador Hugo Banzer, que, nos anos 1970, governou de forma autoritária e a quem Klaus Barbie-Altman servia fielmente. Entre 2017 e 2020 foi instaurada uma comissão da verdade que documentou, em seu último relatório preliminar, 130 casos comprovados de assassinatos políticos, torturas e desaparecimentos. A maioria desses casos é atribuída ao primeiro governo de Banzer (1971–1978). Entre as vítimas da ditadura não se encontram apenas insurgentes armados e membros da guerrilha boliviana, mas também opositores, estudantes, professores e religiosos de esquerda. Hugo Banzer, mandante da ordem de execução de Monika Ertl em 1973, era vizinho de Hans Ertl em Chiquitanía — uma ironia do destino.

Assim, ao longo do tempo, muitos alemães procuraram sua salvação em Chiquitanía. Como tantos antes dele, Hans Ertl almejava um “recomeço” na sua *hazienda*. Aquele era seu paraíso particular, um local onde podia viver sem ser importunado por seu próprio passado. Talvez isso pudesse ter dado certo se o passado não tivesse retornado a Chiquitanía na forma das paixões revolucionárias de Monika Ertl, que a fizeram louvar Inti Peredo, o líder do ELN, como Cristo.

Um segundo palco é Kufstein no Tirol: também periferia. Cresci nessa pequena cidade austríaca situada entre a imponente montanha Wilder Kaiser e o solitário monte Pendling, na fronteira entre a Baviera e o Tirol.

Foi uma infância imersa na natureza: saíamos para fazer trilhas, escalar, esquiar, brincávamos na floresta e nadávamos nos lagos que ficavam ao redor de Kufstein. Um deles é o Stimmersee, um pequeno lago artificial de barragem um pouco afastado e em cujas margens há uma estalagem, um pequeno hotel e banhos públicos. Imediatamente ao lado desse charmoso local de férias, também utilizado por nós, “nativos”, morou Hans-Ulrich Rudel até 1982. O mais condecorado piloto de caça da Segunda Guerra Mundial era uma figura-chave na rede internacional dos antigos e novos nazistas do pós-guerra. Ele viajou muito, não apenas para auxiliar na fuga de pessoas como Josef Mengele, mas também na qualidade de representante de empresas austríacas e alemãs. Desde sua época na Argentina de Juan Domingo Perón nos anos 1950, quando ali assessorou a Luftwaffe, ele representava empresas como Siemens ou Steyr-Daimler-Puch, e assegurava-se que armas fossem entregues de maneira confiável aos ditadores Augusto Pinochet (Chile), Alfredo Stroessner (Paraguai) e Hugo Banzer (Bolívia). O Partido Verde austríaco, no começo da década de 1980, fez uma consulta parlamentar questionando como era possível que tanques Kürassier da Steyr tenham sido usados no golpe da cocaína de Luis García Meza na Bolívia. A resposta? Porque Rudel os providenciou.

E há ainda Ute Messner (nascida Barbie), filha de Klaus Barbie-Altman, que era vizinha da segunda esposa do meu pai em Kufstein-Eichelwang e que havia chegado a Kufstein por intermédio de Hans-Ulrich Ru-

del. Por que Kufstein, *of all places*? Talvez seja por acaso que, justamente aqui, na floresta atrás do Stimmersee, as linhas transatlânticas se reencontrem. Talvez também fosse a localização de Kufstein como cidade de fronteira e cruzamento de vias de transporte que a tornava um ponto estratégico para quem ajudasse a fuga de nazistas; ou, então, pelo fato de a alfândega, a polícia de fronteira e um quartel constituírem um bom ambiente para partidos nacionais e conservadores. Certo é que Kufstein tinha orientação significativamente mais à direita do que a maioria das localidades ao redor não apenas durante o período nazista, mas também no pós-guerra.

É possível que, por concentrar-se em poucas pessoas e lugares, a história que irei narrar, por meio de seus desequilíbrios, cause certa perturbação na História oficial. Mas assim é a História, em especial quando inclui relações coloniais e o nacional-socialismo. Ela não se fecha em si mesma, e nem deve se fechar. Às vezes a pesquisa abre caminhos estranhos. Na verdade, eu queria pesquisar a colonização cultural feita pelas missões jesuíticas na Bóvia. O outro caminho veio de maneira inesperada.

## **Uma história sobre o vento**

*Une histoire de vent* [Uma história sobre o vento], o último filme de Joris Ivens, foi lançado em 1988. No ano seguinte morreria esse cineasta nascido ainda no século XIX e que

na década de 1920 passara dois anos inteiros fazendo um filme de doze minutos sobre a chuva. Joris Ivens era parte do projeto socialista do século xx: desde *Borinage* (1934), o filme sobre as duras condições de vida e os protestos em um assentamento de mineiros belgas, passando pela participação na Guerra Civil Espanhola, até o projeto cinematográfico conjunto com Chris Marker, Agnès Varda e outros vanguardistas (*Loin du Vietnam* [*Longe do Vietnã*], 1967), as convicções políticas de Ivens estão incrustadas em seu trabalho no cinema.

*Une histoire de vent* se dedica a uma busca que dura quase um século. O filme narra o desejo por imagens do impalpável, do mutável, do princípio da história, da possibilidade de mudança socialista: imagens do vento. As imagens iniciais já apresentam o princípio do *side-by-side* que Siegfried Kracauer chamaria de posição específica para compreensão do filme e da escrita histórica: uma justaposição de elementos pessoais e coletivos, subjetivos e objetivos, conscientes e inconscientes, racionais e irracionais, fato e ficção, o pequeno e o grande. Vemos — ou melhor, ouvimos — primeiro o bater de pás de um motor eólico. As pás cortam na imagem, fazem ruído, o ruído de grandes eventos históricos. E então um varal no qual esvoaçam roupas recém lavadas, cotidiano, uma brisa imperceptível. Depois: um menino num avião de brinquedo feito por ele mesmo. Ainda vai decolar, mesmo que o avião não possa voar. No restante do filme, Joris Ivens — um homem muito velho — perpassa (ora em cadeira de rodas, ora carregado) as paisagens políticas do século xx.

O filme se torna uma revista. A forma é acentuada pela reconstrução do cenário preto e branco da animação *Le voyage dans la lune* (*A viagem à Lua*, 1902) de Méliès, mas no estilo da ópera chinesa. Ao final, há uma poltrona vazia no deserto. Ivens foi embora, o vento continua a soprar.

*Une histoire de vent* é a história do caráter transfronteiriço da ideia de socialismo, da ideia fantástica de um mundo com mais igualdade, justiça e solidariedade, de uma ideia que, enfim, no seu afã por um mundo sem violência, acabou se tornando ela mesma violenta. A abordagem de Joris Ivens consiste em manter-se fiel a essa ideia transfronteiriça e mutante em memória dos mortos. Um ano após sua morte, em 1990, uma canção sobre o vento se tornou o hino para a queda do muro de Berlim. “Wind of Change”, da banda Scorpions, podia ser ouvida em todas as rádios. Era uma mudança para novas liberdades para quem vivia no bloco oriental. Esse vento da mudança trouxe também o triunfo temporário daquela ordem econômica e política contra a qual pessoas como Monika Ertl haviam lutado. *Surazo*, um vento frio do sul, deveria ter sido o nome do último filme de Hans Ertl, o filme perdido. E *Südwind* [Vento sul] é o nome da revista progressista a que meus pais, antigos progressistas, recorriam para se manterem em contato com as coisas antigas da Áustria. Preciso escrever uma outra história sobre o vento.



## Concepción, Chiquitanía, Bolívia (2018)

A chuva nos deixa num estado semelhante ao êxtase. Chuva tropical, que divide a parte coberta do pátio como uma densa cortina. Aman balança na rede, estou sentada numa poltrona grande demais, e tento contatar Christian. Temos um compromisso amanhã. Quero saber sobre o filho do arquiteto que reconstruiu as missões jesuíticas em Chiquitanía a partir da década de 1970, entender mais sobre os motivos e contextos para a revitalização da herança jesuítica aqui. Aqui, ou seja, Concepción de Chiquitos, durante um festival de música antiga que ocorre a cada dois anos nas antigas igrejas das missões e que atrai, principalmente, um público *branco*<sup>1</sup>. Aqui, ou seja, o pátio interno do pequeno hotel. Aqui, ou seja, o grupo de viagem no qual me infiltrei quase que despercebida. Ninguém sabe dos meus interesses de pesquisa, ninguém sabe que meu empreendimento consiste em documentar o caráter neocolonial do festival. Ambos os companheiros de viagem de Salta, Argentina — um jovem arquiteto e sua mãe certamente octogenária, sempre vestida e penteada com perfeição —, não sabem dos meus interesses.

1 A autora destaca em letras itálicas todas as menções a pessoas brancas. [N.T.]

Nem mesmo a médica aposentada de Londres, que já esteve aqui antes e busca os mais sutis contrastes estéticos. Nossa simpática e muito engajada guia turística de Santa Cruz, que nos conta como entrou num grupo de mulheres contra a mudança da lei eleitoral que teria permitido uma reeleição de Evo Morales, também sabe tão pouco quanto Aman, que na verdade veio para o festival com seu tio indiano e agora parece meio perdido sem ele. Aman, com quem discuto sobre ficção científica, ecofeminismo e colonialismo, e com quem começo a fantasiar sobre um livro infantil. Deve ser um livro com as cores de Chiquitanía — vermelho-terra, verde, azul — e com o título: “O que o tucano não pode comer”. A disfunção do bico do tucano sempre nos leva a novas ideias: nozes, carne, insetos, nada disso serve. Encontramo-nos muito rapidamente, sentamos lado a lado nos concertos, cochichamos e gracejamos como adolescentes numa excursão de colégio. Aman estudou física e é programador. Não quer mais trabalhar para empresas do Vale do Silício, mas, sim, desenvolver estratégias digitais de sustentabilidade para ONGs. Sua origem — seus pais emigraram da Índia para os Estados Unidos — é um tema que o absorve, sobretudo também em contraste com o que vivenciamos na Bolívia. E assim, no jantar comunitário, o grupo de viajantes aprende os nomes dos ingredientes não apenas em espanhol, inglês e alemão, mas também em hindi.

Então chove. Aman, na rede, sonha com tartarugas. Espero pela mensagem de Christian. Aqui também é o lugar no qual dois etnólogos alemães trabalharam nos

anos 1970: Jürgen Riester e Bernd Fischermann. Após defenderem suas teses, ambos saíram da etnologia puramente acadêmica e embarcaram na luta pelos direitos à terra dos indígenas. Examinei os arquivos de vídeos da organização APCOB (Apoyo para el Campesino-Indígena del Oriente Boliviano) no YouTube. Jürgen Riester gravou vários vídeos em Chiquitanía nas décadas de 1980 e 1990. Tratava-se da documentação dos modos de vida dos grupos indígenas das planícies bolivianas e da sua luta por autodeterminação política e cultural. Um pouco distraída, passo pelas miniaturas no canal da APCOB, e meu olhar se detém numa cabeça branca, num rosto com barbas brancas. Um Tio dos Alpes<sup>2</sup> me olha. O título do vídeo é *Hans Ertel parte 3*. Faço alguma vaga associação com o nome e clico no vídeo. A conexão à internet é muito fraca. A chuva também enfraqueceu. Aman acordou e está se balançando. A guia turística distribui tíquetes para o concerto de hoje, um coral polonês que se apresentará na igreja jesuítica de Concepción. Christian mandou mensagem perguntando se eu poderia encontrá-lo amanhã cedo às sete horas na *plaza*. Claro que posso. Afinal, o encontro não conflita com o organizadíssimo programa do grupo de viagem. Estou curiosa sobre o que ele, na condição de testemunha ocular enquanto criança, pode me contar a respeito da aventurosa redescoberta da he-

2 No original, Alm-Öhi (também Alpöhi) é o nome do recluso avô da protagonista do livro homônimo *Heidi*, de Johanna Spyri. Ele tem longos cabelos e barbas brancas, e lembra um eremita. [N.T.]

rança jesuítica nos anos 1970. As investigações ocultas me divertem, só que aos poucos as coisas estão ficando complicadas com Aman. Nós nos entendemos bem demais, e tenho dificuldade de não o inteirar do assunto, de falar com ele sobre aquilo com que me ocupo, especialmente porque sempre retomamos a discussão sobre a colonização cultural da Índia em comparação com a da América do Sul. Seria apenas um pequeno passo até a *longue durée* da colonização cultural pela missão jesuítica em cujo espaço de ressonância mergulhamos a cada concerto realizado em uma das igrejas.

## De onde o vento sopra

- Que vento você seria se você fosse um vento?
- Não o Siroco, ele arruína as videiras. Você é mesmo um vento do Saara: seco, quente e soprando constantemente.
- E você? Um *foehn*?<sup>3</sup>
- Talvez, né, o *foehn* não tem dor de cabeça por si. Prefiro o Zéfiro, um suave vento oeste que vem da montanha.
- Só porque você é do Tirol?
- Pelo menos não exijo ser um sistema completo de ventos, não sou alísio. Só um pequeno vento oeste.

3 *Foehn* ou *föhn* é um tipo de vento que desce a encosta de uma montanha após ter sido aquecido e seco na subida dessa montanha. [N.T.]

## *Um Robinson*

DIREÇÃO: ARNOLD FANCK; CÂMERA: HANS ERTL, 1940

Com financiamento do ministério de Goebbels, Hans Ertl viajou pela primeira vez à América do Sul no fim da década de 1930 para as filmagens do longa-metragem *Ein Robinson* [Um Robinson] como parte da equipe de filmagem de Arnold Fanck. Na costa do Chile, no Pacífico, deveria ser gravado o filme encomendado pelo Ministério do Reich, cujo tema era o destino do marinheiro alemão Hugo Weber (no filme, marinheiro-chefe Carl Ohlsen) que se perde, nos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, nas ilhas de Juan Fernández no Chile — o mesmo arquipélago no qual havia naufragado o verdadeiro Robinson Crusóé, Alexander Selkirk.

Os eventos que formavam a base para o projeto do filme se encontravam num passado não muito distante: a ilha fora o refúgio involuntário de marinheiros alemães depois que a esquadra alemã do leste asiático fora esmagada e derrotada pelos britânicos próximo às ilhas Falkland no Atlântico sul. Um navio, o *Dresden*, conseguiu se salvar nas águas seguras (porque neutras) do Chile, e exatamente na frente da ilha de Robinson Crusóé se desenrolou o show: os britânicos desprezaram a neutralidade do Chile e atacaram, e então o capitão do *Dresden* ordenou que seu navio fosse afundado. A tripulação foi isolada na ilha de Juan Fernández pelo lado chileno. Fanck tomou alguns momentos desses acontecimentos históricos e desenhou uma “robinsonada alemã do destino”.

São de Ertl os espetaculares closes de geleiras partindo, de gelo recortado e afiado e de altos picos de montanhas, assim como as imagens idílicas da ilha de Robinson — Juan Fernández. Os motivos reapareceriam posteriormente na polarização de acima e abaixo, frio e quente, no livro de fotos de Ertl intitulado *Arriba abajo* (1958). A fazenda de Ertl em Chiquitanía também pode ser vista pela primeira vez nesse filme. O “Robinson alemão”, interpretado por Herbert A. E. Böhme, cria no filme o seu paraíso artificial por meio de trabalho duro e força de vontade. Assim como Ertl faria mais tarde, ele abre uma clareira na qual constrói sua casa.

O marinheiro que está apavorado com as ambições antipatriotas e revolucionárias dos seus colegas de profissão após a Primeira Guerra Mundial exilou-se na ilha de Robinson — segundo o enredo do filme. Ele cria animais e cultiva plantas, esbanja energia, mas está um pouco solitário. Hugo Weber, o modelo histórico para Ohlsen, havia divulgado um anúncio em jornais alemães procurando uma esposa que, de fato, chegaria em Juan Fernández com dachshunds e pastores, e, com isso, lançaria as bases para a mais bem-sucedida criação de dachshund chilenos daquela época. De toda forma, é isso que Ertl narra na sua autobiografia, *Meine wilden dreißiger Jahre* [Meus loucos trinta anos], de 1982. O Ohlsen do filme, por outro lado, fica solitário apesar da companhia dos bichos. Em algum momento, a sua carinhosa lhama e o seu papagaio tagarela já não bastam. A través do rádio, ele descobre que seus antigos camaradas o procuram. Mas ele perde o navio *Neue*

*Dresden* quando aporta na ilha, e por isso é obrigado a perseguir o imponente navio de guerra com uma pequena jangada e transpor a pé a geleira na Terra do Fogo para alcançá-lo. O filme termina com Ohlsen reintegrado à tripulação do *Neue Dresden*, naturalmente navegando sob a bandeira nacional-socialista — não sem antes renegar seu percurso de solitário sonhador e sua existência egoísta de autossuficiente em favor do coletivo nacional.

Uma cópia em papel-carbono para a existência tardia de Hans Ertl na floresta: sua fazenda *La Dolorida* não lembra apenas visualmente a fazenda de Robinson Crusoe. Em entrevistas, Ertl age como um exilado político conectado com sua pátria através do rádio, como se decepcionado com a República de Bonn; como alguém que, dadas as circunstâncias, não pode fazer outra coisa a não ser recolher-se. O subtexto? Sou um patriota honesto, mas a Alemanha recusou meus serviços. Provavelmente seu maior desejo teria sido que um *Neue Dresden* tivesse aportado em *La Dolorida* e o levado para casa. Ou talvez não, talvez suas ambições fossem menos parecidas com as do Carl Ohlsen do filme do que com as da sua versão real. Se, na qualidade de ancião, ele não deseja nada mais fervorosamente do que uma “mocinha” alemã, a criação de dachshunds não está distante.

## O “estrangeiro”

Desde o início da expansão europeia, a América do Sul encerra em si a promessa de liberdade e riqueza. No século xvi, foram lansquenês como Ulrich Schmidel de Regensburg que incursionaram no além-mar pelo seu *Kaiser*. Schmidel chegou até o Chaco, no leste da Bolívia. Os comerciantes de origem alemã da região de Santa Cruz invocam a sua memória até hoje. Se procurarmos por modelos para a paixão de Hans Ertl pela América do Sul, encontraremos relatos de aventureiros e descobridores como os de Percy Harrison Fawcett, que esteve a serviço da Royal Society e correspondia ao estereótipo do descobridor do século xix. Além destes, havia pesquisadores, como Arthur Posnansky, oriundo de uma família de industriais vienenses, que, após sua carreira como engenheiro militar, se transformaria num dos pioneiros da arqueologia da América do Sul e tornaria acessível à pesquisa o santuário inca de Tiauanaco. Depois, no séculoxx, vieram etnólogos e etnólogas de diferentes universidades, inclusive alemãs.

Os descobridores do século xx viajavam com câmara, e é aí que localizamos Hans Ertl próximo ao documentarista, jornalista, correspondente de guerra, cineasta e teórico de geopolítica nacional-socialista Colin Ross, que via a América do Sul como “um mundo em ascensão” no começo da década de 1920. Ross descreve a Bolívia de 1928 como um local prenhe de revolução, num típico modo de pensar de sua época, que misturava revolução

cultural e críticos da civilização que desprezavam o modo burguês como obsoleto e que posteriormente — pelo menos em parte — puderam se casar com a ideologia nazista de um novo barbarismo. Os relatos de Hans Ertl têm orientação menos geopolítica e de crítica cultural, mas se assemelham, em sua tendência básica, aos relatos de viagem de Ross, publicados por ele, inclusive, durante a época do nacional-socialismo. Os relatos de Ertl, via de regra, mantêm um tom coloquial e, com isso, tornam menos palpável o pano de fundo político-cultural do seu surgimento.

Salta aos olhos que ambos, Hans Ertl e Colin Ross, devido à sua participação no regime nazista, apenas no final da década de 1930 tiveram a oportunidade de empreender viagens mais longas que eram financiadas por um órgão de escalão correspondente — no caso de Ertl, o Ministério do Reich para Esclarecimento do Povo e Propaganda. Quando, posteriormente, Hans Ertl se refere aos anos de 1937–38 — período em que foram escritas também as *Cartas de amor de Engadina* de Luis Trenkers, nas quais colaborou — como uma das épocas mais despreocupadas, belas e alegres de sua carreira, isso é informação suficiente sobre o quanto ele foi beneficiado pelo regime nazista.

Hans Ertl reencontraria o branco puro e inocente da diversão na neve de Engadina algum tempo depois no vapor *Virgilio*, no qual se viajava para a América do Sul, na qualidade de membro da equipe de filmagem de Arnold Fanck em 1938–39. Como foi que o paraíso de esqui de Engadina chegou a esse cenário? Na forma de um antigo

aluno de esqui do cinegrafista de Ertl, Robert Dahlmeier, que reaparece em 1938 no *Virgilio*. Dahlmeier, que também auxilia Ertl nessa filmagem, ajuda a judia emigrante (que aparece num “deslumbrante vestidinho de verão”) a contrabandear objetos de valor ao desembarcar em Valparaíso.

A comunidade nesse navio deve ter sido pavorosa. Ali se encontrava a equipe de filmagem de Arnold Fanck, equipada com um generoso financiamento do Ministério da Propaganda; o diretor viajou com a família inteira — em cabines confortavelmente equipadas, é claro. As fotografias que o filho de Fanck tirou da viagem mostram o diretor como um homem sério, meio dândi, sempre vestido de branco e que dá a impressão de ser mais um turista do que um diretor a trabalho. Contudo, a maioria das pessoas a bordo estava fugindo. A descrição que Hans Ertl faz do desembarque de exilados em Iquique, no meio do mar bravio, é um sonho lúcido no qual vem à tona aquilo que deveria permanecer oculto:

Por isso, [devido às ondas altas no mar] foi içado a bordo um grande cesto de tela metálica, pendurado no compartimento de carga, cheio de homens, mulheres e crianças chorando, das quais algumas se agarravam firmemente a esse amontoado oscilante de gente. Ora esse pacote sacolejante batia no costado do navio, ou embaixo sobre as caixas boiando, ora algumas pessoas rolavam para trás e para o meio dos homens que remavam. Os gritos de socorro de pessoas desesperadas, os gritos de comando do capitão e do oficial de cargas, os apitos agudos do

contramestre e o estrondo das ondas contra o casco do navio, os gritos roucos de aves marinhas que voavam em torno, assustados pelo cone de luz dos holofotes, e o fedor repulsivo de guano, peixes apodrecendo e águas-vivas perdidas completavam o horripilante acontecimento dessa noite.

Em seus escritos autobiográficos, Ertl reforça que não era antissemita. São “gritos alemães de angústia” que, supostamente, o enchem de raiva contra os “verdadeiros criadores dessa barbárie”. Contudo, devemos nos perguntar como todas essas coisas convergiram para ele — inclusive ao longo de sua vida: a atividade de propagandista para o nacional-socialismo, o deleite ostentativo do mundo elegante das elites culturais do “Terceiro Reich”, a admiração por Rommel em oposição ao desprezo por certos funcionários nacional-socialistas. Além disso, há ainda sua aproximação a estilos de vida não europeus e seu pronunciado nomadismo, que transparece pouco nacionalismo ou veneração pela pátria. Como foi que ele chegou a se convencer de jamais ter sido um nazista e, ao mesmo tempo, ter sempre servido corretamente à causa?

Colin Ross, em quem se encontra uma mistura semelhante, ainda que ideologicamente mais consolidada, tirou uma outra conclusão ao fim da guerra: que “isso” não vale a pena, que não é possível conciliar tudo. Matou-se em abril de 1945 junto com sua esposa, Elisabeth. Ross devia saber muito bem que a geopolítica racista projetada por ele em seus livros não teria futuro sem a primazia

alemã. Sua visão política se assemelhava ao “etnopluralismo” atual da Nova Direita mais ainda do que à impiedosa política de extermínio dos nacional-socialistas. Ross reconhecia-se como parte do nacional-socialismo, mas declarava abertamente ser contrário ao antissemitismo. Devido à sua amizade com a família do líder da juventude do Reich, Baldur von Schirach, permaneceu ileso e pôde continuar a exercer sua profissão de cineasta e autor. Na geopolítica de Ross, os “povos” e nações se organizavam hierarquicamente numa escala de valor cultural e funcionalidade geopolítica (pela força física e intelectual). As chamadas “raças primevas” e “povos naturais” desempenhavam um papel especial ambivalente. Na imagem ambígua contrarrevolucionária, elas podiam representar tanto o mais elevado quanto o mais desprezível. Podiam representar a origem crua e não corrompida da civilização burguesa, um ideal que era venerado tanto nas encenações de massa do Ministério da Propaganda quanto na compreensão de elite da ss. A imagem, contudo, pode também mudar de direção e, assim, ser utilizada para legitimar a dominância “natural” da “raça superior” sobre um povo supostamente preso na sua infância. Não é apenas a literatura etnológica da era nazista que comprova esse pérfido *double-bind* [duplo vínculo], mas também documentários da época, como o então popular filme sobre a expedição de Jary-Amazonas, *Rätsel der Urwaldhöhle* [Mistério da caverna da floresta] (1938), de autoria de Otto Schulz-Kampfenkel. Ou mesmo os livros e filmes de Colin Ross.

O ponto de vista de Hans Ertl não se baseava explicitamente em teorias culturais ou racistas. No entanto, é relevante na medida em que Ertl, na qualidade de contemporâneo lúcido e bem informado, resumiu em imagens a miscelânea habitual de concepções sobre “o estrangeiro” por meio do seu trabalho de cinegrafista e tratou dela posteriormente em seus textos autobiográficos. Com isso, fica claro que, como evidenciado na teoria orientalista de Edward Said, as imagens populares aglutinam todo tipo de coisa: autodescrições de arrogância masculina, anseios ardentes, desejos (semi) incógnitos e desconhecidos, fantasias de transgressão, medos. O capítulo sobre os trabalhos de filmagem para *Ein Robinson* do livro *Meine wilden dreißiger Jahre*, de onde tiramos a citação acima e no qual é narrado seu primeiro encontro com a América do Sul, apresenta uma mistura tão assustadora quanto mal-acabada de fascinação e soberba. Ali se celebram a nobreza e a imprevisibilidade da natureza, são descritos indecentes aventureiros amorosos, e o profissionalismo e o glamour do mundo do cinema são festejados como uma profissão cosmopolita destruída pela guerra. Chama a atenção a ambivalente atração que emana do “judaico” ao longo do capítulo sobre Robinson. Por um lado, vemos a jovem, bela e inocente judia, a ex-aluna de esqui que é salva pelo galá. Por outro, no entanto, há também a fala de um homem de aparência perturbadoramente alemã (um “homem marcanamente loiro”) cujo dialeto alemão se revela ser iídiche e a quem recai a suspeita de ter participado da prisão de Ertl e de seu assistente em Buenos Aires. É uma trama essencial-

mente antissemita: a ameaça judaica é culpada pelo fato de não ser possível diferenciar “eles” de “nós”.

Ainda mais claro fica o enquadramento na descrição de “outros Outros”, na descrição dos *natives* da Terra do Fogo. Ertl põe na boca do “velho caçador da Terra do Fogo”, Willi Haedike, um longo monólogo no qual ele, meio Karl May, meio etnólogo cuidadoso, estigmatiza a civilização e a missionarização dos indígenas como o início de sua destruição. Todos os *topoi* da degeneração civilizatória são evocados: o abandono dos valores reais e originais através das práticas comerciais amorais dos brancos, ganância, alcoolismo, prostituição, perda da autonomia e das habilidades de caça, etc. Elementos desse uso dos “povos naturais” como “o Outro” da civilização a serviço da crítica do processo civilizatório voltarão a aparecer nos seus filmes bolivianos da década de 1940.

### **Bodes, caranguejos-de-fogo, pólipos**

O complexo de culpa e o conhecimento dos emaranhamentos não encontram nenhum nível de consciência nos escritos autobiográficos de Ertl mas, sim, uma imagem que não poderia ser mais evidente na sua forma onírica. Ertl descreve a saída para a caça em Juan Fernández com Hugo Weber, justamente aquele Robinson alemão, o verdadeiro suboficial do antigo navio *Dresden* que fora destruído. As caças são bodes grandes e asselvajados. Em